



Diciembre 2019 - ISSN: 2254-7630

A PRAÇA DO FERREIRA – SEUS MOMENTOS DE INTERVENÇÃO URBANA EM SEUS DIFERENTES CONTEXTOS: ECONÔMICO, POLÍTICO E SOCIAL.

PLAZA FERREIRA - SUS MOMENTOS DE INTERVENCIÓN URBANA EN SUS CONTEXTOS DIFERENTES: ECONÓMICOS, POLÍTICOS Y SOCIALES.

FERREIRA SQUARE - ITS MOMENTS OF URBAN INTERVENTION IN ITS DIFFERENT CONTEXTS: ECONOMIC, POLITICAL AND SOCIAL.

Frederico Augusto Nunes de Macêdo Costa

Professor e Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniateneu em Fortaleza - Ceará, Brasil
fredmacedo8@gmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Frederico Augusto Nunes de Macêdo Costa (2019): “A praça do ferreira – seus momentos de intervenção urbana em seus diferentes contextos: econômico, político e social”, Revista Caribeña de Ciencias Sociales (diciembre 2019). En línea:
<https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/12/praca-ferreira.html>

RESUMO: O presente trabalho tem como objeto de estudo a Praça do Ferreira, localizada em Fortaleza – Ceará, Brasil, levando em conta as principais intervenções urbanas que a mesma foi submetida, e tendo como recorte temporal a origem da Praça até a contemporaneidade. Entretanto, dentro desse recorte, podemos estabelecer uma divisão de análise: a primeira tem como recorte temporal o ano de 1842, quando teve origem a praça até a última alteração em sua configuração físico-espacial, estabelecida em uma intervenção urbana efetivada em 1991; e a segunda considerada a partir desta última intervenção até a os dias de hoje. A Praça do Ferreira, localizada no Centro de Fortaleza, tem sido considerada, ao longo de sua história, como espaço público de fundamental importância no processo de evolução urbana desta cidade, haja vista a sua relevância e representatividade para todos os segmentos da sociedade que a consideraram, por muitas décadas, o “Coração da Cidade”, alcunha ainda legítima para muitos hoje em dia. Este trabalho teve como objetivo compreender suas transformações a partir das intervenções urbanas a que foi submetida ao longo de décadas, como forma de apreender as causas e consequências que a fizeram ser o que ela representa hoje para a cidade de Fortaleza, para seus usuários e para a população em geral.

Palavras-chave: Momentos da Praça do Ferreira. Intervenções urbanas na Praça do Ferreira. Contextos econômico, político e social da Praça do Ferreira.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objeto de estudio la Plaza Ferreira, ubicada en Fortaleza - Ceará, Brasil, teniendo en cuenta las principales intervenciones urbanas que se presentaron, y tomando como corte temporal el origen de la Plaza hasta la época contemporánea. Sin embargo, dentro de este recorte, podemos establecer una división de análisis: el primero tiene como corte temporal el año 1842, cuando el cuadrado se originó hasta el último cambio en su configuración física y espacial, establecido en una intervención urbana realizada en 1991; y el segundo considerado desde esta última intervención hasta la actualidad. La plaza Ferreira, ubicada en el centro de Fortaleza, ha sido considerada, a lo largo de su historia, como un espacio público de fundamental importancia en el proceso de evolución urbana de esta ciudad, considerando su relevancia y representatividad para todos los segmentos de la sociedad que tiene la ciudad. Consideraron, durante muchas décadas, el "Corazón de la Ciudad", un apodo que todavía es legítimo para muchos hoy en

día. Este trabajo tuvo como objetivo comprender sus transformaciones a partir de las intervenciones urbanas a las que ha sido sometido durante décadas, como una forma de comprender las causas y consecuencias que lo convirtieron en lo que representa hoy para la ciudad de Fortaleza, para sus usuarios y para La población general.

Palabras clave: Momentos de la plaza Ferreira. Intervenciones urbanas en la plaza Ferreira. Contextos económicos, políticos y sociales de la plaza Ferreira.

ABSTRACT: The present work has as its object of study the Ferreira Square, located in Fortaleza - Ceará, Brazil, taking into account the main urban interventions that it was submitted, and taking as a temporal cut the origin of the Square until contemporary times. However, within this clipping, we can establish a division of analysis: the first has as a temporal cut the year 1842, when the square originated until the last change in its physical and spatial configuration, established in an urban intervention carried out in 1991; and the second considered from this last intervention to the present day. Ferreira Square, located in the Center of Fortaleza, has been considered, throughout its history, as a public space of fundamental importance in the process of urban evolution of this city, considering its relevance and representativeness for all segments of society that the city has. they considered, for many decades, the "Heart of the City", a nickname still legitimate for many today. This work aimed to understand its transformations from the urban interventions to which it has been subjected for decades, as a way of understanding the causes and consequences that made it what it represents today for the city of Fortaleza, for its users and for the general population.

Keywords: Moments of Ferreira Square. Urban interventions in Ferreira Square. Economic, political and social contexts of Ferreira Square..

1 - INTRODUÇÃO

1.1 1º Momento: Do surgimento da praça, em 1842, até sua primeira reforma, em 1902

Mantendo-se o nome Praça do Ferreira até os dias atuais, esse emblemático logradouro passa pela sua primeira reforma em 1902. O processo de remodelação sócio-urbana de Fortaleza, iniciada a partir de 1860 e que se prolongaria até as primeiras décadas do século XX, significou a inserção da capital cearense em um processo de modernização denominado de "Belle Époque". Termo francês criado para traduzir a euforia e o encantamento pela Europa com as novidades oriundas da revolução científico-tecnológica do século XIX, que acabaram por influenciar sobremaneira o mundo, produzindo transformações na ordem urbana, política e econômica, afetando profundamente o cotidiano, a subjetividade das pessoas e alterando seus comportamentos, condutas e seus modos de perceber e sentir.

Walter Benjamim (1984), em sua famosa explanação de Paris como capital do século XIX, evoca a importância do capitalismo nessa condição alcançada pela capital francesa, destacando que:

A fantasmagoria da cultura capitalista alcança o seu desdobramento mais brilhante na Exposição Universal de 1867. O Império está no apogeu do seu poder. Paris se afirma como a capital do luxo e da moda. Offenbach¹ prescreve o ritmo da vida parisiense. A opereta é a irônica utopia de um duradouro domínio universal (BENJAMIM, 1984, p. 36).

Novos produtos, valores e padrões propagaram-se por todos os recantos do globo, sobretudo nas cidades, enquanto principal mercado e vitrine desse conjunto de inovações. Face ao realinhamento do Brasil nos quadros do capitalismo que então se mundializava, as principais cidades brasileiras não escaparam a esse processo de mudanças, no qual também se inseriu Fortaleza.

¹ Offenbach: Jacques Offenbach, compositor e violoncelista francês de origem alemã da Era Romântica, foi um paladino da opereta e um precursor do teatro musical moderno.

No contexto dessa inédita expansão econômica e urbana da Capital do Ceará, convinha aos poderes públicos, às elites enriquecidas e aos setores intelectuais procederem a um significativo conjunto de reformas urbanas capaz de nivelar a cidade aos padrões e códigos de “civilização”, tendo como referência estética os grandes centros urbanos europeus. Tais medidas remodeladoras traziam a reboque uma nova relação dita disciplinadora para com os elementos dissonantes e agora considerados “agentes nocivos” ao processo civilizatório e normatizador, pretendido como os pobres, mendigos, doentes, vadios, loucos e prostitutas.

Esse processo começou a se materializar ainda na década de 1860, com a construção do Lazareto da Lagoa Funda e da Santa Casa de Misericórdia; “Ambas instituições criadas sob os auspícios de uma medicina higienizadora referenciada nos moldes da medicina social em voga na Europa que considerava sobretudo o “pobre” como principal foco da insalubridade urbana” (PONTE, 2004, p. 176).

Ainda segundo Ponte (2004), na década seguinte (1870), a remodelação prosseguiria com a instalação da estrada de ferro para Baturité (agilizando o transporte do algodão e de pessoas para a capital, consolidando, assim, a hegemonia econômica de Fortaleza). A construção de um novo cemitério, o São João Batista, em Jacareacanga, substituindo o São Casimiro, que estava instalado onde, agora, é a Praça da Estação, foi também uma intervenção na cidade, justificada pela pressão dos médicos em suprimir a velha necrópole, que comprometia o estado sanitário por estar muito próxima ao perímetro urbano da época e por ter sido local de sepultamento das vítimas da epidemia do cólera, ocorrida entre 1862 e 1864.

A Academia Francesa criada, em 1872, por jovens intelectuais egressos da Academia de Direito de Recife – aos quais coube o papel de promover o ideário cientificista e evolucionista entre os grupos letrados da cidade – e, finalmente, a iluminação à gás carbono, que era mais durável, davam mais vida e sociabilidade às noites fortalezenses e ao plano urbanístico de Adolfo Hebbster.

De acordo com Castro (1994) *apud* Mamede (2008, p. 99), Adolfo Hebbster foi contratado pela Câmara Municipal como engenheiro, o qual, nesse cargo, elaborou três plantas.

A primeira planta, a “Planta Exacta da Cidade” (FIGURA 01), de 1859, quando foi modificada e melhorada em 1861, apresentava em sua legenda as denominações dos logradouros e a localização dos edifícios públicos, civis, religiosos, militares e os limites de Fortaleza, tendo, ao norte, a orla marítima; a oeste, a rua 24 de maio; ao sul, a rua Clarindo de Queiroz e, a leste, a rua barão do rio Branco até a Cidade da Criança e, a leste também, o riacho Pajeú e um pequeno núcleo da praia, com os edifícios da Alfândega, armazéns e indícios de ocupação urbana nas imediações da “Casa dos Educandos” (atual Colégio Imaculada Conceição).

A segunda planta, “Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios (FIGURA 02), mostra a expansão da cidade agora com o acréscimo, ao sul, da avenida Domingos Olímpio; a oeste, com o riacho Jacareacanga e, a leste, direcionando-se para o que seria denominado posteriormente de bairro Aldeota, além de destacar algumas obras do então governo, como o Passeio Público.

Observa-se a intenção do urbanista de criar um cinturão de avenidas “bulevares²”, de influência francesa, servindo de “moldura” para a zona central, entre as avenidas Duque de Caxias, Imperador e Dom Manuel, objetivando dar “racionalidade à ocupação do solo e fluidez ao tráfego por meio do alinhamento de ruas e da abertura de avenidas” (MAMEDE, 2008 p. 99).

Por fim, a terceira planta, “Planta da Cidade de Fortaleza/Capital da Província do Ceará, de 1888 (FIGURA 03), que era um aperfeiçoamento da planta de 1875 por ele realizada. Agora, a planta se mostra representada graficamente dentro do mais alto rigor descritivo.

² Bulevares: também chamada de Boulevard, é um termo que designa um tipo de via de trânsito, geralmente larga, com muitas pistas divididas nos dois sentidos, geralmente projetada com alguma preocupação paisagística.

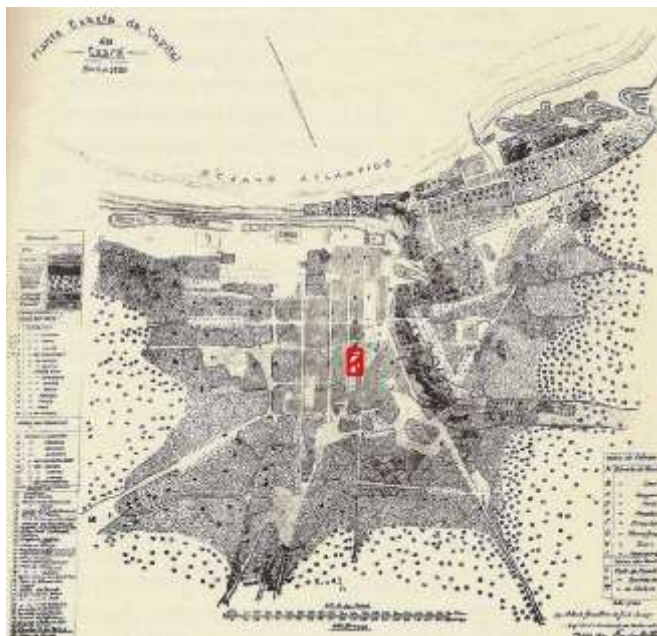


Figura 1 - Planta Exacta da Cidade de Fortaleza, de Adolfo Herbster, 1859.

Fonte: <<http://historiasocialpesquisa.blogspot.com.br/2011/09/plantas-da-cidade-de-fortaleza.html>>.

Acesso em: 14 julho 2017.

LEGENDA:  Praça Dom Pedro II (Antiga Praça do Ferreira). Elaborado pelo autor, 2018.

Figura 2 - Planta da Cidade de Fortaleza e Subúrbios, de Adolfo Herbster,



Fonte: <<http://historiasocialpesquisa.blogspot.com.br/2011/09/plantas-da-cidade-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 14 julho 2017.

LEGENDA:  1ª Denominação de Praça do Ferreira. Elaborado pelo autor, 2018.

Figura 3 - Planta da Cidade de Fortaleza/Capital da Província do Ceará, de Adolfo Herbster, 1888.



FONTE: <<http://historiasocialpesquisa.blogspot.com.br/2011/09/plantas-da-cidade-de-fortaleza.html>>. Acesso: 14 julho 2018.

LEGENDA:  2ª Denominação de Praça do Ferreira. Elaborado pelo autor, 2018.

Segundo Ponte (2004), ao final o século XIX (1900), no auge da “belle époque”, o fortalezense e historiador Paulino Nogueira comparava a velha, “pequena, modesta e recatada” capital com a nova Cidade qual uma “fênix renascida e cheia de mocidade e encantos”, porque agora Fortaleza ostentava o Passeio Público e praças arborizadas, calçamento, ruas alinhadas, iluminação à gás, linhas de bondes, hotéis, quiosques, quermesses, entre outras novidades. Ao término de sua crônica, Nogueira concluía que, enfim, a civilização tinha chegado à Fortaleza, deixando claro que, no contexto da época, o termo “civilização” era sinônimo de progresso e de modernização.

O processo de remodelação sócio-urbana de Fortaleza, conforme apresentado, intensificou-se a partir das décadas de 1880 e 1890, época de instauração do regime republicano (1889). O novo regime e o novo século que se avizinhava reforçaram os anseios dominantes de alinhar o País ao progresso e à modernidade. Entre 1889 e 1896, foi um tempo de instabilidade política, que caracterizou os quatro primeiros governos militares do Ceará, e, em função disso, “nenhuma prática remodeladora de vulto se efetivou em Fortaleza” (PONTE, 2004, p. 180).

Entre 1896 e 1912, período de vigência da oligarquia Accioly, retomaram-se os investimentos embelezadores e disciplinarizantes para a capital e para sua população, com a colaboração da gestão municipal do Intendente Guilherme César da Rocha. Esse intendente, enquanto administrador, foi quem mais se empenhou pelo embelezamento de Fortaleza, tendo como primeira grande obra a inauguração do Mercado de Ferro³.

³ Mercado de Ferro: edificação metálica inaugurada em 18/04/1897, na gestão do Intendente Guilherme Rocha e do Presidente Nogueira Accioly, na Praça da Carolina (ocupado, atualmente, pelo Palácio do Comércio), em frente à rua Floriano Peixoto. Em 1937, foi desmontado e dividido em duas partes: uma foi para o Bairro da Aldeota, na Praça Visconde de Pelotas, e ficou conhecida como o Mercado dos Pinhões; e a outra foi remontada na Praça Paula Pessoa e foi denominada Mercado São Sebastião. Esta última, no ano de 1968, foi transferida para o bairro Aerolândia, vindo a se chamar Mercado da Aerolândia.

Tão logo o século XX se iniciou, trazendo a reboque a promessa de redenção da humanidade pelo progresso, a Intendência empreendeu sua maior realização em termos de remodelamento urbano: melhoria das três praças principais de Fortaleza (a do Marquês do Herval, hoje José de Alencar, a da Sé e a do Ferreira). Esses logradouros ganharam amplos e vistosos jardins, recheados de estátuas de inspiração clássica, canteiros de flores e plantas ornamentais, coretos, longos bancos, chafarizes e vasos importados (LEITÃO, 2002, p. 14). Vale ressaltar que, durante o carnaval, só às elites era dado o direito de brincar ali, mesmo que espremidas, para ficarem a salvo e não se “misturem” com os populares, os quais deveriam brincar apenas nos limites da praça e ruas circundantes.

A Praça do Ferreira, então denominada Praça Pedro II, sofre remodelamento estético-urbano aos moldes dos jardins franceses em voga à época. Até 1902, a Praça do Ferreira era um denso areal, cercado por “frades de pedra”⁴, tendo, ao meio, um cacimbão (LEITÃO, 2002, p. 15).

Aderaldo (1979, p. 63) *apud* Campos (2002, p. 102) descreve a Praça do Ferreira em 1902, após a reforma urbana, ressaltando o seguinte:

Na parte sul do quadro, entre os cafés Iracema e Elegante, erguia-se belo chafariz com quatro torneiras no centro do quadrilátero, um cata-vento puxava água para um depósito que abastecia oito tanques destinados a manter viridantes os canteiros floridos, situados nas partes em que se dividia o trecho central, cercado de gradis. (ADERALDO, 1979, p. 63 *apud* CAMPOS, 2002, p. 102)

Se o processo de remodelação urbana de Fortaleza seguia a passos largos, tendo ainda como referencial estético a cidade de Paris, a metrópole considerada a mais civilizada do século XIX, e, se uma das marcas registradas desta última eram os famosos cafés, onde modernos e literatos celebravam a alegria de viver daqueles tempos, então, a capital cearense deveria tê-los também.

Campos (2002) afirma:

Na anatomia da cidade, a praça é o coração. Nesta persevera o espírito de sua gente, a maneira de ser, e, na verdade, de existir e participar de seus acontecimentos (CAMPOS, 2002, p. 52)

O aformoseamento da praça suscitava a instalação de grandes jardins, com o nome de Sete de Setembro (FIGURA 04), e quatro quiosques de madeira ao estilo e estética dos chalet's franceses (FIGURA 05), margeando cada esquina da praça. Eram os quiosques “Café Elegante” e “Café Iracema”, ambos na lateral da praça, paralelos à Rua Pedro Borges e ao “Café do Comércio” e, o mais antigo, ao “Café Java”, de 1886, ambos na lateral da praça, em paralelo à Rua Guilherme Rocha, onde esse último se constituía no principal ponto de encontro dos intelectuais da cidade, pertencentes ao Grupo literário “Padaria espiritual”⁵. Influência da arquitetura neoclássica, estátuas em estilo greco-romano enfileiravam as alamedas entre os canteiros do jardim. O espaço ficou caracterizado pelo usufruto das classes mais abastadas da cidade. Fortaleza, nessa época, possuía, em seu centro, toda a existência social limitada por suas próprias dimensões urbanas. O centro da cidade era literalmente a própria cidade de Fortaleza. A gestão pública se encarregava de manter essa aparente perfeição urbana através de uma política “higienista” que retirava dos olhos das elites os pobres, enfermos, retirantes, alienados de toda sorte e desvalidos que tivessem a infelicidade de se instalarem nas proximidades do Centro de Fortaleza. À essa época, as atividades comerciais eram de pequena monta, sendo mais evidenciadas nas proximidades do Porto (atual Ponte dos Ingleses ou Ponte Metálica), de tal forma que não afetavam nem incomodavam o bem-estar dos moradores do Centro de Fortaleza.

Ainda Campos (2002), sobre a vida social da Praça do Ferreira:

⁴ Frades de pedra: estrutura suporte feita de pedra de lioz, vindas de Portugal, com argolas de ferro, onde se amarravam os cavalos.

⁵ Padaria Espiritual: agremiação literária fundada em 30/05/1892, no Café Java, um dos quatro quiosques que existiam na Praça do Ferreira. O objetivo da Padaria era despertar na população fortalezense o gosto pela literatura. Em 06/12/1896, a padaria encerrou suas atividades.

É na Praça do Ferreira, em seus bancos, em seus cafés e em suas esquinas, que tudo se trama, tudo se constrói, tudo se resolve e tudo se destrói (SAMPAIO, 1954 apud CAMPOS, 2002, p. 58).

Essas reformas ocorreram até 1924. Uma das mais importantes foi em 1914, com a substituição do sistema de iluminação existente por um dos mais modernos e subterrâneo (PONTE, 2004).

Conforme Ponte (2004),

Não foi à toa que na década de 1880 quatro elegantes cafés, em estilo “chalet francês”, foram instalados nos quatro cantos da Praça do Ferreira; Como também não foi à toa a Praça do Ferreira ter sido escolhida para a instalação destes cafés, haja visto esta ser o principal logradouro desde a primeira metade do século XIX. Em seu entorno estavam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o ponto de partida e chegada dos bondes. Os cafés (Java, Elegante, Iracema e do Comércio), a exemplo de seus congêneres parisienses, espalhavam suas mesas ao ar livre onde se reuniam diariamente ao final da tarde políticos, intelectuais e boêmios. O preferido da jovem intelectualidade era o Café Java, onde em 1892 o jovem Antônio Sales e seus amigos fundaram uma agremiação literária diferente das existentes à época: A Padaria Espiritual (PONTE, 2004, p.23).

Figura 4 - Jardins Sete de Setembro da Praça do Ferreira 1909 – cartão postal pintado à mão, do



início do século XX.

Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado.

Figura 5 - Café do Comércio – Um dos quiosques da Praça do Ferreira, 1912.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado.

As obras e investimento da oligarquia Accioly com o apoio da Intendência Municipal não conseguiram diluir o descontentamento e a profunda insatisfação da população com o governo corrupto, fraudulento e violento. O grande repúdio a esse estado de coisas viria em 1912, ano de eleições para a Presidência do Ceará. Essa situação atingiu seu ápice em vinte e um de outubro de 1912, quando do massacre dos participantes de uma passeata em prol da candidatura de Franco Rabelo, adversário político da oligarquia Accioly, ocorrido na Praça do Ferreira. Daquela noite em diante, principiou uma revolta armada e popular, na qual a massa enfurecida não poupou os signos da remodelação urbana. Postes de luz foram arrancados, bondes incendiados, lojas saqueadas e o jardim da Praça do Marquês de Herval depredado. Deposto Accioly, Franco Rabelo venceu as eleições, mas permaneceu presidente apenas por dois anos (1914)⁶.

1.2 2º Momento: De 1902 até 1925, com a segunda reforma

Com o advento do automóvel e dos bondes, a partir de 1910 (FIGURA 06), os espaços dos jardins que antes se configuravam como espaço de contemplação e vivência lúdica, agora passam a ser empecilhos e/ou obstáculos para o “progresso” e deveriam ser retirados ou reduzidos.

A introdução do automóvel (1910) e a instalação de bondes elétricos ⁷ (1913) em Fortaleza imprimiram nova dinâmica e velocidade aos deslocamentos na cidade de tal forma que gerou a necessidade da criação da polícia de trânsito e uma reorientação dos pedestres no uso das ruas e, por sua vez, alterou, de forma significativa, o visual e a estética aformoseada das ruas, com o aumento e a abertura de novas ruas e avenidas e redução do tamanho de alguns logradouros centrais, como foi o caso da Praça do Ferreira, em 1925, para facilitar a passagem e o estacionamento dos novos bondes.

FIGURA 6- Rua Formosa (atual Rua Barão do Rio Branco) e o trajeto dos bondes 1910.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado

Com a chegada dos bondes e a inauguração do Passeio Público, ambos em 1880, os usos e costumes dos espaços públicos em Fortaleza foram reorientados. Se por um lado os bondes requereram maior extensão de calçamento, por outro os habitantes podiam recorrer, com mais conforto, ao hábito de sentar-se em cadeiras nas calçadas ao entardecer, agora mais largas e

⁶ Se a erupção da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), destruindo e devastando cidades em proporções nunca vistas, é considerada o marco que decreta o fim do modo de viver florido que caracterizou a belle époque européia, podemos considerar que os conflitos de 1912 – 1914, em Fortaleza, significaram o início do declínio da belle époque cearense. A partir desta data não faltaram motivos para um gradativo recrudescimento deste período (LEITÃO, 2002).

⁷ No início os bondes eram de tração animal. Todos os vinte e cinco bondes saíam da Praça do Ferreira para os diversos destinos de Fortaleza. Quem explorava esse tipo de atividade comercial era a “Companhia Carril do Ceará”, de propriedade do Coronel Tomé A. da Mota, que depois seria vendida aos ingleses da “ The Ceará Tramway Light and Power Co. Ltd”, que instalariam posteriormente os bondes elétricos (LEITÃO, 2002).

extensas. O novo equipamento também concorreu para a valorização imobiliária das ruas em que passava e engendrou um novo costume social: o flerte entre os passageiros e moças, que das janelas esperavam vê-los passar.

Conforme Leitão (2002), em 1920, o então Prefeito Godofredo Maciel ordena a retirada dos quiosques e gradis, que compunham a praça. Ao se eleger novamente prefeito em 1925, Maciel autoriza a construção de um coreto, onde a Filarmônica da Polícia Militar executava dobrados e “allegros”⁸ à noitinha (LEITÃO, 2002, p. 18).

A demolição tanto dos cafés como do Jardim Sete de setembro, na Praça do Ferreira, simbolizou o fim da vigência da “belle époque” em Fortaleza, com seus signos da modernidade, datados do final do século XIX e marcada pelos ideais de “civilização” e “aformoseamento” urbano. Se estes equipamentos conviveram harmoniosamente com o ritmo compassado dos bondes puxados por burros e charretes em volta da praça, se o amplo Jardim 7 de Setembro e os bucólicos cafés eram referências sociais e culturais, agora eram vistos como obstáculos que deveriam desaparecer para dar passagem ao pragmatismo da nova dinâmica sócio-espacial, caracterizada pelo vai e vem frenético da multidão de transeuntes, automóveis e bondes elétricos tão comuns na década de 1920.

Essa transformação imposta à Praça do Ferreira, por ser ainda o centro nevrálgico e gravitacional da cidade e onde as principais decisões, mudanças e novidades ocorriam com maior ressonância, é significativa por nos mostrar o início da constituição de uma nova organização do espaço urbano fortalezense, mais pautada pela racionalidade do que pelo embelezamento. Portanto, a Praça do Ferreira não era mais a mesma!

A remodelação da Praça do Ferreira, em 1925, sepultou o segundo momento e marcou o início do terceiro momento de suas intervenções urbanas. Ocorreu na gestão municipal do então Prefeito Godofredo Maciel, que implantou alamedas laterais para facilitar o trânsito, demoliu os quatro cafés do jardim Sete de Setembro, que ocupava uma significativa parcela da praça, deixando-a mais aberta ao fluxo de pedestres. Os únicos espaços residuais do jardim original foram os retílineos e estreitos canteiros de flores nas extremidades da praça e um coreto coberto em seu centro.

Ainda na remodelação da praça em 1925, mesmo com a redução dos jardins e a criação de pequenos canteiros, bem como a instalação do Coreto (FIGURA 07), ainda se permitia a manutenção de certo uso social, isto é, de integração e sociabilização para os fortalezenses da época, mas, com a tecnologia de transportes, vieram a reboque outras atividades comerciais, como também outras manifestações de vida social, a exemplo do período entre 1917 a 1925, quando irromperam inúmeras greves de combativas organizações operárias, bem como a criação e instalação ali na praça do primeiros escritórios dos Partidos Comunista e Socialista (PONTE, 2004, p. 38).

As novas dinâmicas sócio-espaciais que se estabeleceram atraíram outros usuários, atividades e usos, mas, em contrapartida, comprometeram a existência, até então, da função residencial no local. A tranquilidade, o conforto e a ambiência floral de antes cederam lugar ao burburinho e ao congestionamento, alterando os usos de tal forma que gerou um deslocamento em massa das famílias abastadas que residiam no entorno da praça para outros bairros que vieram a se formar, como Jacareacanga e Benfica. Podemos afirmar também que um fato significativo iniciou a evasão das famílias residentes do centro, ocorrido em 1915, uma nova e intensa seca, direcionando milhares de “flagelados” à capital, levando o governo a instalar, na periferia da cidade, campos de concentração (PONTE, 2004, p. 41). Em função do crescimento significativo da população e da completa falta de condições para atender tamanha demanda, inclusive as necessidades de sobrevivência mais básicas, ocorreu o aumento do índice de delitos e transgressões da cidade, fruto da penúria e das condições mais insalubres de existência.

⁸ Allegro: (italiano para alegre) é um andamento musical leve e ligeiro, mais rápido que o Allegretto e mais lento que o Presto. O Allegro costuma situar-se entre 120 e 168 batidas por minuto. Normalmente é o primeiro e/ou o último movimento de sonatas, sinfonias e concertos.



Figura 7 - Praça do Ferreira 1925 – Coreto e ao fundo o Hotel Majestic.

Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado.

Em razão desse volume crescente de conflitos, tensões, greves, delitos e aglomerações no centro da cidade, as elites ali residentes iniciam, a partir de 1915, sua transferência para áreas desocupadas distantes do centro, como Jacareacanga. No decorrer da década de 1920, Jacareacanga se efetiva como o primeiro bairro elegante de Fortaleza, com suas mansões e palacetes. A seguir viriam os outros bairros, como a Praia de Iracema (década de 1930 – 1940) e Aldeota (cujo apogeu teve início nos anos 1950), delineando com maior transparência a constituição de novos espaços burgueses, reforçando, assim, a segregação sócio-espacial entre ricos e pobres na cidade.

Concomitante a isso, seu esvaziamento se efetivou à medida que o centro, daquela década em diante, foi marcado também pela ascensão do comércio, tanto em quantidade de estabelecimentos, quanto na diversidade das atividades e produtos mercantis no Centro da Cidade.

O logradouro, todavia, ainda manteve sua importância enquanto área de lazer e sociabilidade até a década de 1930, quando começou a sofrer concorrência com outros tipos de atividade, ou seja, o lazer materializado pelo cinema, clubes sociais, banhos de mar.

1.3 3º Momento: De 1925 até 1934, com a terceira reforma

Um terceiro momento de intervenção urbana na Praça do Ferreira tem início em 1925 e vai até 1934. É caracterizado pela demolição, em 1933, do coreto que ficava bem ao centro da praça e a construção, em seu lugar, da Coluna da Hora, no ano de 1934, (FIGURAS 08). A coluna tinha como destaque um relógio de quatro faces, fabricadas nos Estados Unidos por Seth Thomas Clek Co. (Cidade de Nova York), e que servia de orientação a toda cidade. A instalação da coluna da Hora reflete uma dinâmica temporal diferenciada do final do século XIX. Leitão (2002) comenta que, em 1933,

[...] houve nova reforma, desta vez pelo Prefeito Raimundo Girão; Retira-se o coreto e é erguida a Coluna da Hora, com um relógio de quatro faces. Novos bancos são colocados, de madeira, longos e bem apoiados em ferro fundido (LEITÃO, 2002, p. 20).

Agora vivenciamos uma temporalidade célere, como as atividades mercantis com novidades que estavam se instalando no Centro da Cidade. Segue-se a reportagem do Jornal O Povo de 06/01/1934, sobre a inauguração da Coluna da Hora, caracterizando aquele monumento.

As festas populares da passagem do ano de 1933 para 1934 tiveram nesta capital grande brilhantismo, reunindo à Praça do Ferreira entre às 21 e 24 horas, uma das maiores multidões que já estacionou naquele aprazibilíssimo logradouro.

É que a Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF anunciará que à meia noite seria inaugurada a Coluna da Hora, construída no Centro do Jardim 7 de Setembro, na mesma praça e o relógio público que se ostenta na referida coluna.

Desde às 21 horas que ali estacionava a banda do C.S.P. tendo se conservado até às 24 horas.

Precisamente às 23 horas, o Dr. Raimundo Girão, prefeito da capital, proferiu um discurso historiando o que tem sido as administrações municipais de Fortaleza e discorrendo sobre a sua gestão com fatos e algarismos [...] Fundação em radier⁹ de concreto armado ao traço 1:3:6¹⁰, conforme detalhe fornecido ao contratante, sendo nela chumbados os ferros das colunas de modo a formar um só conjunto (O POVO, 06 jan., 1934, p.01).

Figura 8 - Praça do Ferreira 1942 – Com a Coluna da Hora e, a esquerda, o Cine São Luiz, em construção.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado

A influência cultural antes de origem Francesa deu lugar agora à norte americana, vista tanto na arquitetura, através dos novos edifícios em Art Nouveau, a exemplo do Edifício São Luiz (que vemos na FIGURA 15), como nos filmes, que acabaram por ser referência comportamental e cultural para seus frequentadores. Essa influência se legitimou e se efetivou no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando da instalação de Bases Americanas (Post Comand – PC) em Fortaleza, mais precisamente no local onde hoje se encontra o Bairro PICI, onde também se instalou o Campus da Universidade Federal do Ceará (Campus do PICI). Vale ressaltar como informação complementar que outros edifícios civis foram utilizados para usufruto do corpo de Oficiais norte americanos, a exemplo do Bar e Restaurante Estoril, como Cassino pelos militares estadunidenses, localizado na Praia de Iracema.

Girão (2002, p. 59), em seu livro “Retratos de Fortaleza”, ressalta, de forma contundente, a importância da Praça do Ferreira no imaginário da população fortalezense e a força de sua representação coletiva:

⁹ Fundação em Radier: radier é um tipo de fundação rasa que se assemelha a uma placa ou laje que abrange toda a área da construção. Os radiers são lajes de concreto armado em contato direto com o terreno que recebe as cargas oriundas dos pilares e paredes da superestrutura e descarregam sobre uma grande área do solo. Geralmente, o radier é escolhido para fundação de obras de pequeno porte. O radier apresenta vantagens como baixo custo e rapidez na execução, além de redução de mão de obra comparada a outros tipos de fundação superficiais ou rasas.

¹⁰ Traço 1:3:6: é a indicação de quantidade dos materiais que constituem o concreto. A quantidade de partes proporcionais para a constituição da pasta cimentícia. A primeira é de cimento, a segunda de areia e a terceira de pedrisco.

É (a praça), um pequeno mundo de contrastes, as harmonias com o atrito, os encontros de amizade com os choques de desafetos, a pacatez com o torvelinho de negócios, de combinatas amorosas, de barganhas e tratos de toda espécie, pequeno mundo em que se acusa e defende. Se elogia e insulta, em que se tomam deliberações construtivas ou se ajustam rebeldias, onde se ausculta e mede a tensão dos acontecimentos e se sente ao vivo quando estes contém sisudez ou são inócuos ou são ridículos. Onde também se lê a hora da coluna para regulação dos compromissos do dia (GIRÃO, 2002, p. 59).

1.4 4º Momento: De 1934 até 1949, com a quarta reforma

Em 1949, no local onde fora o velho prédio da Intendência Municipal, construiu-se o Abrigo Três de Setembro, conhecido popularmente como Abrigo Central. Situado ao norte da Praça, nele existiam boxes destinados à venda de produtos como discos, selos, bilhetes lotéricos, além de livrarias, tabacarias e cafeterias. Servia também de ponto inicial das linhas de ônibus da cidade, constituindo-se em um lugar dos mais movimentados de toda Fortaleza.

As atividades comerciais do Centro de Fortaleza, neste momento, ampliavam-se de forma exponencial nesse período, tanto em qualidade como em quantidade, de tal forma que surgiu a necessidade de criação de novos pontos comerciais na cidade. Segundo LEITÃO (2002):

Em 1949, depois de se desligar das tentativas de montagem de loterias no Ceará e em Pernambuco, o jovem empresário Edson Queiroz participou da concorrência pública aberta pela Prefeitura de Fortaleza para a construção e exploração de um Centro Comercial e de lazer no coração da cidade, a Praça do Ferreira. E ganhou o direito de construir o que viria a ser denominado ABRIGO CENTRAL e de usar comercialmente o local por um período de 13 anos. No prédio procurou agrupar desde pequenas lojas e empresas de prestação de serviços, bares e lanchonetes, com bastante espaço para as pessoas ler jornal, tomar café, beber e conversar. Em pouco tempo Fortaleza transformou o Abrigo Central em seu ponto de encontro predileto. Por lá passariam todos os tipos humanos de uma sociedade em transformação, dos finais dos anos 40 até meados dos anos 60: Artistas, negociantes, políticos, estudantes, poetas de cordel e contadores de anedotas. Na expressão dos cronistas da época, o Abrigo Central era a verdadeira “Assembleia do Povo” (LEITÃO, 2002, p. 24).

O Abrigo Central (FIGURA 09), que era o ponto, no centro, de saída e chegada de todos os ônibus locais de Fortaleza, acabava por aglomerar muitas pessoas nos mais diferentes horários. Neste período, vivenciavam-se as ideologias do “Estado Novo” do Governo de Getúlio Vargas, fazendo com que o abrigo viesse a se tornar o mais democrático parlamento de Fortaleza, na expressão de Leitão (2002, p. 10). Construído para ser apenas um abrigo de estação para aqueles que esperavam o ônibus, acabou por se tornar um lugar de reuniões dos mais diversos grupos e matizes: políticos, boêmios, trabalhadores simples e eruditos de última hora, universitários e jovens acompanhadas pelos pais, jovens notívagos, entre outros. Os boxes atendiam à população nos mais variados horários, com as atividades comerciais mais diversas, da bebida alcoólica ao café da manhã. Era espaço para todos. Apesar de considerado de estética duvidosa, o abrigo agradava e atendia à sociedade da época e fez muita falta ao ser demolido 17 anos depois, ou seja, em 1966, conforme se pôde constatar em leituras de jornais à época.

Segundo Campos (2002), o Abrigo Central era o ponto de reunião de todos os frequentadores da praça e, apesar de sua efêmera existência, marcou o espírito, a verve, a vida e o tradicionalismo da Praça do Ferreira de antigamente.

Figura 9 - Inauguração do Abrigo Três de Setembro (Abrigo Central) 1949.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado

1.5 5º Momento: De 1949 até 1969, com a quarta reforma

O pós-guerra trouxe para o Estado do Ceará o nacional-desenvolvimentismo na transição para a modernidade da sociedade cearense. A modernidade já era uma estratégia de sobrevivência das elites cearenses e essas ideologias modernizadoras, identificadas com a industrialização, foram facilmente assimiladas pelas elites locais (BERNAL, 2004, p.54).

Gondim (2202) apud Bernal (2004, p. 55) comenta o surgimento de Órgãos Institucionais que fomentaram o processo e expansão industrial que, por sua vez, alavancou a economia do estado no início da segunda metade do século XX:

A década de 1950 foi o marco de modernização do Estado, com a criação do banco do Nordeste do Brasil, em 1952, que teria importante papel na formação de novas elites para a região, cedendo técnicos especializados em planejamento e pesquisa para ocuparem altos cargos na administração estadual, além da urbanização e do incremento dos meios de comunicação. A racionalidade tecnocrática teria tido o marco inicial no primeiro governo de Virgílio Távora (1963- 66), com a criação de um sistema de planejamento para o desenvolvimento capitalista, com a solução para o problema do abastecimento de energia, com a implantação da Usina de Paulo Afonso, a conclusão do projeto do Distrito Industrial, a organização da Companhia de Telecomunicações do Ceará e a instalação da fábrica de asfalto do Mucuripe (GONDIM, 2002 apud BERNAL, 2004, p. 55).

Essas ideologias modernizadoras se concretizaram em obras estruturais no Estado, tais como o sistema de abastecimento de água Pacoti-Riachão, a energização rural, a finalização na construção do Distrito Industrial, a construção de rodovias ligando Fortaleza às cidades do interior (PARENTE, 2000 apud BERNAL, 2004, p. 55). E, no campo urbano, em obras por toda a capital do estado, como a construção do Centro Administrativo, a conclusão das obras do estádio Castelão e, dentre essas obras, a reforma da Praça do Ferreira.

Podemos afirmar que a reforma de 1969 começou anos antes, em 1966, com a demolição do Abrigo Três de Setembro, o Abrigo Central. Desde o advento da Revolução Militar de 31 de março de 1964, os espaços coletivos da mais pura e espontânea expressão popular do País estavam sendo gradativamente alterados em sua forma e composição física, com o intuito de cercear, controlar, dirimir e, se possível, extinguir qualquer possibilidade de aglomeração humana. Fortaleza e seus espaços públicos, notadamente a Praça do Ferreira, não iriam passar incólumes a esse controle estatal. O Ex-Prefeito de Fortaleza Acrísio Moreira da Rocha, à convite do então Prefeito Murilo Borges, alegando insalubridade e precariedade na construção, participa em ato solene da demolição do abrigo, solicitando-o a dar a primeira marretada no processo de demolição do Abrigo Central.

O Jornal O Povo do dia 04/05/1966 assim noticia a repercussão da demolição:

Indiferente às marretadas que quebram, paulatinamente, a pesada estrutura de cimento armado [...] os 'habitués' do Abrigo Central [...] dele não se afastam, como se demorassem no último adeus ao lugar, que por muitos anos, lhes serviu para animados bate-papos.

A demolição do “monstrengo” que ensejará a expansão da Praça do Ferreira foi oficial e solenemente iniciada às 11 horas de hoje, em presença do prefeito Murilo Borges, homem que teve coragem de mandar derrubar o Abrigo, do ex-prefeito Acrísio Moreira da Rocha, em cuja gestão foi construído, do historiador Raimundo Girão, que retratará o ‘QG da fofoca’ para a posteridade, do almirante Fontenelle, executor direto da demolição, e de grande número de populares. A Cibel firma demolidora, levará de 40 a 50 dias para fazer o Abrigo cair. (O POVO, 04 mai. 1966, p.01).

O cronista Juarez Leitão, em seu livro “A Praça do Ferreira – República do Ceará Moleque”, faz um comentário que sintetiza, como veremos a seguir, a opinião quase uníssona da população de Fortaleza dessa época, em relação a essa intervenção:

Em 1968 o Prefeito José Walter Cavalcante faz a demolição completa da praça e ergue uma coisa esquisita com canteiros altos em forma de caixões, interceptando a vista horizontal de tal modo que, quem estivesse de um lado não enxergava o outro lado. Como era no tempo da ditadura militar, muita gente achava que aquelas paliçadas de cimento armado eram para evitar aglomeração no Centro da praça e dificultar os comícios e mobilizações de protesto. O bate papo vespertino, os bancos parlamentares e o convescote dos aposentados...tudo isso finou. Os cronistas e historiadores consideram que o Dr. José Walter, querendo ou não decretou a morte da praça (LEITÃO, 2002, p. 27).

Praticamente um ano depois, é demolida outra referência e marco da Praça do Ferreira, a Coluna da Hora. As alegativas justificando tal ato foram similares àquelas apresentadas para a demolição do Abrigo Central: precariedade tanto na estrutura como nos mecanismos dos relógios. A Coluna não suportaria os reparos necessários, pois esta se apresentava “[...] cheia de rachaduras e onde um dos ponteiros do relógio chegou a cair” (O POVO, 08 jul. 1967, p. 07).

Objetivando minorar a repercussão negativa que porventura pudesse ser gerada com a demolição, esta foi efetivada em ato solene com a presença do historiador Raimundo Girão. O Jornal O Povo do dia 08/07/1967 noticiava o fato da seguinte forma:

Quando o historiógrafo Raimundo Girão deu, na manhã de quarta-feira última, a primeira marretada marcando o princípio do fim da velha e histórica Coluna da Hora, houve quem se sentisse contristado e até quem afirmasse que o atual Secretário de Cultura estava renegando sua obra. Mas êle ponderou em seu discurso que ‘o que fiz ontem com todo interêsse vejo hoje sem função’ e que ‘se é preciso renovar renovemos, pois sou amigo das renovações. Julga Girão que em 1933, quando foi levantada, a Coluna agigantava-se, com seus treze metros de altura, numa Praça do Ferreira de modestas edificações, minuscilizando-se depois diante de edifícios como o São Luiz e o Sul-América perdendo muito de sua primitiva imponência [...] foi, aos poucos, sendo vítima do desleixo administrativo e passando, de cronômetro oficial da vida da cidade a mera figura decorativa (O POVO, 08 jul.1967, p. 07).

Em 1969, a Praça do Ferreira (FIGURA 10) passa, então, por um novo processo de intervenção urbana, com a formulação de um projeto urbanístico elaborado de início pelo Arquiteto e Professor Jorge Neves e alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará – UFC, mas que por divergências conceituais acabaram por abandonar o projeto. Foi aí que o então Prefeito Murilo Borges se utiliza de uma maquete física feita pela equipe de Arquitetos e estudantes como material de estudo de volumetria e massa arquitetônica como referência para definir a nova praça, que se utiliza agora de espaços em desníveis e belvederes¹¹ delineados por canteiros com formas puramente geométricas. Podemos observar que esse projeto foi influenciado indelevelmente

¹¹ Belvederes: terraço no alto de um edifício ou de um morro e de onde se descortina um belo panorama. Sinônimo para mirante.

pela arquitetura moderna com seus corredores de circulações entre os canteiros, ocorrendo também a instalação da Galeria Antonio Bandeira¹². A Coluna da Hora não mais existiria e aquele espaço passou então a ser muito mais de circulação do que propício a momentos de parada e interação social ou mesmo de aglomerações políticas. Agora a praça evidencia a preocupação em direcionar o deslocamento dos seus usuários como se esta fosse apenas espaço de mobilidade, circulação e passagem para outros quarteirões que possuíam, por sua vez, atividades comerciais. Via-se perfeitamente a necessidade do Gestor Público em controlar e impor suas diretrizes de governo totalitário onde os espaços abertos para congregações, independentemente de sua natureza, não eram mais permitidos, salvo aquelas de cunho oficial. A ideologia política da época, caracterizada pelo cerceamento dos direitos mais básicos de liberdade de expressão, interferia em todos os aspectos da sociedade, inclusive na arquitetura. Apesar desta definição espacial arquitetônica, a praça ainda evidenciava e vivenciava sua importância enquanto espaço de congregação para a Cidade de Fortaleza. O comércio alcançava um maior grau de complexidade, atendendo, com suas mais variadas mercadorias e com suas diversificadas lojas, todas as classes sociais, fazendo do centro da cidade um espaço multifacetado em atividades, funções, fins e utilizado por toda a sociedade em horários distintos.

Figura 10 - Vista da Praça do Ferreira – Reforma urbana de 1969.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado.

1.6 6º Momento: De 1969 até 1991, com a sexta e última reforma

Antes de adentrarmos na discussão sobre a última intervenção urbana da Praça do Ferreira, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o Centro de Fortaleza. O decorrer da década de 1970 foi caracterizado pela crescente e gradual descentralização comercial do seu centro, com a geração de centros secundários em outros bairros, a exemplo de Aldeota e Montese. Esse processo foi impulsionado pelo deslocamento das grandes lojas e magazines, criação de Centros Comerciais (Center Um), pelo deslocamento e perda de funções comerciais e públicas, que se mudaram para outros locais da cidade. Contribuiu para isso uma nova modalidade de empreendimento comercial que se popularizava pelo mundo todo, ou seja o Shopping Center. Com isso, o Centro de Fortaleza perdia uma de suas centralidades mais importantes, que era aglutinar as atividades comerciais para toda a cidade e até mesmo para a sua área de influência.

Podemos fazer uma correlação entre o que foi dito por Salgueiro e Cachinhos (2006), no artigo “As relações Cidade – Comércio: Dinâmicas de Evolução e Modelos Interpretativos”, que trata das relações cidade e comércio, tendo como objeto empírico a cidade de Lisboa, onde ocorreu uma setorização do comércio na tentativa de fidelizar a clientela de maior poder aquisitivo e ao tentar associar-se produto e estilo de vida. Com isso, as atividades comerciais de baixo nível, como

¹² Antônio Bandeira: nasceu em Fortaleza em 26/05/1922, vindo a falecer em Paris em 6/10/1967. Foi um pintor e desenhista brasileiro. É um dos mais valorizados pintores brasileiros e tem obras nas maiores coleções particulares em museus do Brasil e do mundo.

utilidades populares, encontraram no centro da cidade condições para se desenvolverem de tal forma que podemos afirmar que o centro passou a ser o shopping center das camadas sociais mais baixas, e, sob esta ótica, o centro não perdeu essa centralidade de aglutinação comercial, mas apenas teve uma redução em suas atribuições, agora divididas com os Shoppings Centers.

Segundo Villaça (1998, p. 283), no Brasil, na década de 1980, os centros principais já estavam quase totalmente tomados pelas camadas populares. Aquilo a que se chama ideologicamente de ‘decadência’ do centro é tão somente sua tomada pelas classes populares, justamente sua tomada pela maioria da população, essa maioria, para ele, é o centro da cidade.

Tal alteração de escalas do uso e funções do Centro de Fortaleza iria influenciar de forma significativa também as dinâmicas sócio-espaciais da Praça do Ferreira, haja vista a profundidade de sua inserção enquanto equipamento urbano no processo de expansão urbana da própria cidade de Fortaleza.

A última reforma urbana concretizada da Praça do Ferreira (FIGURA 11), iniciou-se em 1991 e foi finalizada em 1993. O projeto urbano foi desenvolvido pelo Arquiteto Fausto Nilo, sob a Gestão Pública do então Prefeito Juraci Magalhães.

Podemos afirmar que essa reforma na praça foi uma das inúmeras estratégias políticas utilizadas pelo Prefeito Juraci Magalhães como forma de legitimar e efetivar seu poder político no município. Da mesma forma que podemos afirmar também que as mudanças na configuração espacial da Cidade de Fortaleza e as alterações nos usos dos espaços públicos se iniciaram ainda na década de 1980 com o surgimento do “Governo das Mudanças” (1986), encabeçado pelo Empresário Tasso Jereissati. Esse visava, entre suas propostas de mudança e pretensão “progresso” para o Estado e sua Capital, incrementar as atividades comerciais locais, através de investimentos públicos na cidade, com o objetivo de remodelar a imagem da cidade de Fortaleza aos moldes de outras cidades litorâneas brasileiras com acentuado viés turístico. E, assim, influenciando, sobremaneira, as relações entre paisagem e memória no Centro de Fortaleza e, por conseguinte, suas práticas sociais, sobretudo as práticas econômicas que envolvem o setor terciário em seu centro. Apesar de Tasso e Juraci serem adversários políticos, ambos professavam as mesmas condutas e intenções públicas e as mesmas ideologias político-partidárias.

Figura 11 - Imagem da Praça do Ferreira 1998.



Fonte: Arquivo Nirez – Autor não informado

Essa reforma urbana da praça, enquanto processo de requalificação do Centro de Fortaleza, entre outras atividades, foi a práxis de um discurso vinculado às políticas públicas urbanas municipais. O Projeto da nova praça veio como a cristalização das propostas transformadoras e transformistas do Gestor Público Municipal à época, com a intenção de gerar visibilidade, credibilidade e viabilidade das propostas pretendida pela Prefeitura.

As intenções e os princípios norteadores do projeto urbanístico, no que se refere ao incremento do comércio na Praça do Ferreira, podem ser entendidos com base na memória do projeto, com o partido arquitetônico adotado pelo urbanista vindo ao encontro com as intenções do Gestor Público e fundamentando o resgate de mobiliários urbanos pretéritos pela importância e relevância histórica da praça, bem como justificando a promoção de mudanças no espaço público, como forma de dar respaldo a emergente e insipiente atividade turística que estava a se construir.

Concomitante aos incrementos comerciais da Prefeitura Municipal de Fortaleza, as atividades mercantis que margeavam a Praça do Ferreira, com o intuito de reestabelecer a antiga força econômica das atividades comerciais lindeiras à praça e, por extensão, as do Centro, foram economicamente as mais prejudicadas pela descentralização das atividades terciárias em benefício direto aos Shoppings Centers; e pela repercussão que a intervenção na praça cumpriria na manutenção da hegemonia política do então prefeito Juraci Magalhães.

A proposta urbana tinha como objetivo a preparação de um novo espaço para receber novamente atividades comerciais de animação em seu entorno, como cafés, bares, livrarias, lanchonetes e hotéis, e que, juntamente com o Cine São Luiz, as bancas de revistas, as vitrines e os próprios equipamentos da praça, formariam uma cadeia de atrações para revitalizar definitivamente o lugar. As referências históricas são intenções explícitas do projeto. Os elementos que compõem a praça resgatam os elementos do passado, sintetizando diferentes tempos: O poço do século XIX, os cafés também do final do século XIX e a Coluna da Hora nas primeiras décadas do século XX. O aspecto nostálgico se manifesta na releitura e estilização destes elementos, trazidos à tona em uma ou outra circunstância, como bem sintetiza Sampaio (1993):

O projeto da Nova Praça do Ferreira teve o sentido de fazer a interligação memorialística de três períodos históricos que imprimiram sua marca à praça e criou uma relação especial com cada geração que a frequentou (SAMPAIO, 1993, p. 49).

E apesar de que, em quase toda a década de 1990, ocorresse com certa profusão obras de intervenções no Centro de Fortaleza, como forma de mostrar continuidade na proposta de requalificação urbana do centro, o sucesso inicial da proposta de requalificação cedeu espaço para uma franca e gradual decadência da sua estrutura sócio espacial, haja vista que as intervenções eram midiáticas, pontuais e de resultados pífios e inócuos. Sob essa ótica, a própria Praça do Ferreira, enquanto instrumento simbólico comprovatório da pretensa preocupação do Gestor Público em preservar sua história e memória, sofreu desgastes naturais em virtude da superficialidade e fragilidade contextual das ações urbanas.

Para potencializar a precariedade da configuração física-espacial da Praça do Ferreira, ao final da década de 1990, ocorreu a descentralização política do Centro de Fortaleza, com a retirada das instituições governamentais e jurídicas, no caso o Fórum e as Sedes dos Governos Estaduais e Municipais, que foram para áreas mais distantes da cidade (bairro Cambé e bairro Edson Queiróz, respectivamente). Tal diminuição ou ausência de certas centralidades acabou por gerar um processo de degradação do Centro de Fortaleza em vários níveis de atuação (comercial, político e, por conseguinte, cultural), no qual a Praça do Ferreira não passou incólume.

Vale ressaltar, ante a consciência e constatação das deficiências das intervenções urbanas isoladas no Centro de Fortaleza, o surgimento, em 1999, da ONG “Ação Novo Centro”¹³, entidade patrocinada pelo CDL (Clube de Diretores Lojistas), com o intuito de estimular o desenvolvimento do Centro, incrementando seu desenvolvimento econômico através da valorização de seus atributos históricos e culturais, com ações semelhantes às adotadas em outros estados da Federação. A ação dessa organização nasceu de um esforço conjunto do poder municipal e estadual, entre a Prefeitura Municipal de Fortaleza, através do PLANEFOR (Plano estratégico da Região

¹³ Ação Novo Centro: define-se como “OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) pró- revalorização do Centro de Fortaleza fundada e mantida por entidades e empresas” com a missão de propor e articular projetos e ações – em parceria com a iniciativa privada e órgãos públicos – que visem a melhoria e desenvolvimento do Centro nos aspectos físico-urbanísticos, ambientais, sociais e econômicos.

Metropolitana de Fortaleza) e de outros órgãos institucionais do Pacto de Cooperação e do Fórum de Comércio, respectivamente.

Entre algumas ações dessa entidade (projetos “Shopping Centro”, “Bairro Central”), o projeto “Requalificação de Fachadas”, é extremamente pertinente para a análise dos usos atuais da Praça do Ferreira, haja vista que a entidade selecionou o seu entorno, bem como o da sua praça vizinha, a Praça dos Leões. Sintetizando o programa da entidade, podemos elencar os seus principais objetivos: requalificação de um sítio histórico e simbólico do centro de Fortaleza, efetivando melhorias urbanas e novos investimentos privados, elevando o grau de atratividade e usança da área. “[...] avaliar a existência e a potencialidade da geração de novos negócios e atividades para a área”. (Ação Novo Centro, 2002, p. 01).

Percebe-se nas intenções do programa a necessidade de aliar os atributos simbólicos do lugar ao incremento das atividades do comércio varejista da área e à valorização imobiliária dos imóveis. A proposta do programa consiste basicamente em retirar os “fachadeiros” e os elementos de comunicação visual, na tentativa de restaurar a aparência original das fachadas. No entanto, o resgate é parcial, uma vez que as adaptações das edificações para o uso do comércio são mantidas ou reordenadas. Foram selecionados 57 imóveis, à época, para participarem do programa que foi proposto e coordenado pela Ação Novo Centro, com o apoio de diversos setores, a fim de viabilizar o projeto de requalificação sem gerar ônus para os proprietários. Embora, numa primeira fase, tenha sido realizado o projeto de 21 pontos comerciais, apenas alguns foram concretizados, devido às resistências dos comerciantes em dispor de recursos e tempo para a reforma, que comprometeriam a margem de lucros dos seus negócios, limitação relacionada, principalmente, aos pequenos comerciantes. Aliás, esta resistência dos comerciantes locais em absorver mudanças tem dificultado, historicamente, as transformações no Centro de Fortaleza.

A atuação do projeto de “Requalificação de Fachadas”, embora tenha dado início a valorização do patrimônio histórico e cultural edificado do Centro de Fortaleza, ainda se constitui superficial e epidérmica, até porque as intervenções nas fachadas não são conduzidas conforme as recomendações das técnicas de restauro e cartas patrimoniais. É evidente que a reforma e pintura de fachadas cumpre o seu papel na requalificação das áreas degradadas do Centro, mas é preciso estratégias mais amplas de preservação que incluam a legitimidade dos usos no processo de transformação da área. Infelizmente, esse projeto não se efetivou da forma esperada, não se dando continuidade em função dos resultados irrisórios.

2 – Considerações finais

Finalizando o presente trabalho, apresentamos algumas considerações finais, mas, tendo em vista a complexidade do tema, este não será exaurido, pois temos a consciência de não termos dado conta de toda a problemática que envolve uma pesquisa dessa natureza. Contudo, permitimo-nos salientar alguns pontos considerados reveladores do objeto em estudo, que esboçamos a seguir.

Podemos concluir, a partir da realização da pesquisa, que a Praça do Ferreira pode ser ainda considerada, de forma incontestada, de destacada importância para a Cidade de Fortaleza e para parte de sua população. A praça ainda é a praça! Independente de sua configuração física-espacial atual e de novas formas de uso e territorializações permanentes e/ou flexíveis, ela ainda se mantém com toda a sua relevância e representação social, como espaço de congregação e integração e como local de resgate de reminiscências pessoais ou coletivas, além de palco e ferramenta de legitimação da Gestão Pública, através de seu espaço ocupado por suas atividades sócio-cívicas. Compreendemos, todavia, a redução inevitável da importância da Praça do Ferreira, em benefício de outras áreas da cidade, que passaram a constituir outras centralidades. Isso ocorreu concomitantemente a geração de novas formas de apropriação e usos da Praça do Ferreira, e que, se hoje ela não pode ser reconhecida como marco da cidade, ainda consegue ser um ponto nodal dos bairros que a margeiam, ou dos bairros periféricos que se beneficiam de suas atividades comerciais, ou por parte da população atraída quando ocorrem eventos de cunho sócio-culturais na praça. Consideramos um ponto importante do trabalho o resgate das intervenções urbanas pela as quais passou a praça, o que nos permitiu estabelecermos uma periodização, tendo em vista os seus diferentes momentos, o que acreditamos que pode contribuir como indicador para novos trabalhos que tenham por mote ou objeto o resgate histórico das transformações físico-espaciais da praça, dando possibilidades de aprofundamento e elaboração de novas pesquisas.

Em nossa pesquisa, objetivando melhor compreender e apreender essas dinâmicas sócio-espaciais, deu-se maior ênfase ao momento da última intervenção até os dias atuais e, para isso, nos detemos mais sobre a proposta de intervenção urbana definida no projeto urbanístico de 1991, do Arquiteto Fausto Nilo, que teve como partido arquitetônico a diretriz de buscar e resgatar valores de tradição (e isso deve ser levado em consideração e ter seu mérito reconhecido), através de uma proposta nostálgica de fazer uma releitura de espaços (físicos, sociais e espaciais) outrora existentes e de forte representatividade para a população usuária ou não da praça à época. Em nossas pesquisas, não encontramos facilmente essa relação de representatividade, isso porque muito dos frequentadores não conhecem a história da praça, por não terem vivenciado os períodos que gestaram esses marcos temporais e arquitetônicos, não demonstrando, assim, uma maior empatia, gerando uma relação de distanciamento e indiferença. O projeto se baseou em reconstruir quiosques como os que foram construídos no início do século XX, posicionando-os da mesma forma como fôra anteriormente, aos quatro cantos da praça. A reconstrução da Coluna da Hora, construída nas primeiras décadas do século XX, bem como o desenterrar da cacimba (acidente fortuito!), construída em uma das gestões municipais do Boticário Ferreira (primeiras décadas do século XIX), e que fornecia água a população, demonstra uma tentativa, por vezes, inadequada e sem estudos de viabilidade cultural, no que diz respeito à avaliação do grau de simbolismo que estes elementos possuem no imaginário popular ou nas reminiscências da sociedade, ao vincular várias dinâmicas temporais através de seus elementos ou marcos de referência cultural como se estes pudessem ser associados conforme a vontade do urbanista.

Enfim, o significado e o grau de influência da praça para a população são ameaçados pelo tipo de intervenção pontual. O comprometimento da praça como lugar da memória está em xeque, assim como o Centro como um todo. Acreditamos que a garantia da sua permanência simbólica no imaginário sócio-espacial da cidade depende de uma estruturação espacial em todo o Centro, que seja norteadas em primeiro plano por um planejamento participativo da sociedade. O Centro de Fortaleza caracteriza-se hoje por atividades comerciais mais direcionadas ao público de menor renda e, nesse contexto, a Praça do Ferreira, por estar inserida no Centro de Fortaleza, perdeu mais relevância e força de atração, causada, também, pela ausência de memória de parte da população, além das precárias condições de manutenção.

3 - Referências

- AÇÃO NOVO CENTRO. **Apresentação do Programa “projeto de Requalificação de Fachadas”**. Fortaleza: CDL, 2002.
- ADERALDO, Mozart Soriano. **A Praça: comemorando a restauração da Praça do Ferreira**. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Ed. 1989.
- A HORA final da Coluna da Hora. **O Povo**, Fortaleza, 09 de julho 1967, p. 07 e 08.
- A PRAÇA – reflexões de um leigo. **O Povo**, Fortaleza, 09 de janeiro 1970, p. 03.
- ARQUITETOS discordam e abandonam o projeto. **O Povo**, Fortaleza, 14 de julho 1968, p. 08.
- AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza Descalça**. Fortaleza: IOCE, 2012.
- A NOVA praça e o trânsito. **O Povo**, Fortaleza, 05 de julho 1968, p. 01.
- BICHOS vão as ruas sob custódia policial. **O Povo**, Fortaleza, 08 e 09 de junho 1968, p. 06.
- BENJAMIN, Walter. **Teoria do espaço urbano**. Paris: Capital do Século XIX, 2010.
- BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A metrópole emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza**. Fortaleza: UFC/Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2004.
- CARLOS, Ana F.A., SOUZA Marcelo. L., SPOSITO, Encarnação. B. **A produção do Espaço Urbano**. São Paulo: a Contexto, 2013.
- CARROS voltarão a circular na Praça. **O Povo**, Fortaleza, 12 de setembro 1968, p. 01 e 06.
- CONCLUSÃO das obras da praça previstas só para março. **O Povo**, Fortaleza, 07 de novembro 1968 p. 05.
- _____. Passeio Público: Espaços, estatutária e lazer. **Cadernos de Arquitetura Cearense**, v. 2, 2016.
- CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- CUNHA, M. Noélia Rodrigues da. *Praças de Fortaleza*. Fortaleza: IOCE, 1990.
- DANTAS, Eustógio, COSTA, Maria Clélia Lustosa, Silva, José B. da. **De Cidade a Metrópole–(Trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- _____. **Fortaleza: A Administração Lúcio Alcântara Março 1979**. Fortaleza: Superintendência do Planejamento do Município – SUPLAM, 1982.
- _____. **Fortaleza: evolução urbana (1603-1979)**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1979.
- _____. **Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza – PLANDIRF – 1969/71**. Fortaleza: PMF, 1971.
- _____. **Plano Diretor da Cidade de Fortaleza – 1963 (Lei nº 2128 - 20 de Março de 1963)**. Fortaleza: PMF, 1969.
- DA BAUHAUS ao Caos. **O Povo**, Fortaleza, 14 de julho 1991, p. 01.
- DEMOLIÇÃO do Abrigo. **O Povo**, Fortaleza 04 de abril 1966, p. 01.
- DIVIDIDO em duas etapas o projeto da Praça do Ferreira. **O Povo**, Fortaleza, 16 de julho 1968, p.08.
- EXÉRCITO ocupa a Praça do Ferreira. **O Povo**, Fortaleza, 01 de abril 1964, p. 01.

FERNANDES, José Alberto Rios. Urbanismo Comercial: A Experiência Portuguesa. **Revista da Faculdade de Letras**, v. 10, p. 105-125, 1994-95.

FORTALEZA EM FOTOS. **Blogspot**. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/05/os-bondes-e-o-passeio-publico.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: BNB, 1979.

GONDIM, Linda M. P. Os 'governos das mudanças' (1945 - 1996). In. SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova história do Ceará**. 3. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

INAUGURAÇÃO da Coluna da Hora. **O Povo**, Fortaleza, 06 de janeiro 1934, p. 01.

INAUGURADO o abrigo da Praça do Ferreira. **O Povo**, Fortaleza, 16 de novembro 1949, p. 01.

LEFEBVRE. Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Marciano. **Royal Briar: A Fortaleza dos Anos 40**. Fortaleza: Tipoprogresso, 1988.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002

PONTE, Sebastião R. **Fortaleza belle époque: Reforma urbana e controle social 1860 – 1930**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2014.

RECRIANDO um símbolo. **O Povo**, Fortaleza, 30 de setembro 1965, p. 03.

REFORMA da Praça revoluciona trânsito: Protestos e elogios. **O Povo**, Fortaleza, 02 de julho 1968, p. 08.

SAMPAIO, Dorian. **A Fortaleza de Juraci**. Fortaleza: Anuário do Ceará Publicações, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVA, José B. da. **Os incomodados não se retiram: Uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC 1991.

SOUZA, M. L. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Stúdio Nobel; FADESP, 1998.

VISITA ao Jornalista e Museólogo Miguel Angelo de Azevedo (Nirez) em 10/05/2017 e em 04/07/2018, com o intuito de acessar seu acervo fotográfico.

VISITA A Biblioteca Pública Governador Bezerra Pimentel no decorrer dos meses de abril e maio de 2018 para acessar seu acervo de microfiches de periódicos do Jornal O Povo de sua Hemeroteca.